revista educação e emancipação
Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE UFMA

“Eu vou falar de nós ganhando...”: confabulando outros *currículosvidas* para juventudes LGBTTQIAPNb+ *nômadesdissidentes* em *gênerosexualidades* à flor da pele

Franklin Kaic Dutra-Pereira* e Saimonton Tinôco**

Resumo

Como impactamos e produzimos vidas com práticas pedagógicas-curriculares que incorporam *gênerosexualidades* na formação de uma escola em implementação no Novo Ensino Médio com juventudes *nômadesdissidentes*? Inspirado nas Filosofias da Diferença, o objetivo deste texto é questionar as estruturas dominantes e propor novas perspectivas no ambiente educacional, onde a diferença é celebrada e as vozes marginalizadas são valorizadas. A pesquisa visa mostrar como a escola pode ser agente de transformação social, confabulando vivências curriculares das *práticaspensantes* dos *gênerosexualidades* das juventudes *nômadesdissidentes* numa escola no sertão da Paraíba. As confabulações, criadas de modo escrito, retomam currículos que interconectam discussões de *gênerosexualidades*, explorando como espaços de resistência e reconfiguração das normas. As análises menores consideraram a fluidez das diferenças e a multiplicidade de vozes presentes, ressaltando a importância das confabulações como instrumentos de resistência e construção de novos entendimentos sobre gêneros e sexualidades no contexto escolar. Concluímos que a subversão desde a escola é necessária, e resistir à onda neoconservadora é essencial para construir uma escola que ensine, inspire e liberte, enquanto espaço de transformação social, onde cada voz é ouvida e cada diferença é respeitada.

Palavras-chave: sexualidades; confabulações; juventudes.

"I'm going to talk about us winning...": confabulating other *curriculalives* for youth LGBTTQIAPNb+ *nomadsdissidents* in *gendersexualities* under the skin

Abstract

How do we impact and produce lives with pedagogical-curricular practices that incorporate gender-sexualities in the formation of a school being implemented in the New High School with dissident nomadic youth? Inspired by the Philosophies of Difference, the aim of this text is to question the dominant structures and propose new perspectives in the educational environment, where difference is celebrated and marginalized voices are valued. The research aims to show how the school can be an agent of social transformation, confabulating curricular experiences of the thinking practices of genders of nomadic dissident youths in a school in the hinterland of Paraíba. The confabulations, created in written form, take up curricula that interconnect discussions of gender-sexualities, exploring them as spaces of resistance and reconfiguration of norms. The smaller analyses considered the fluidity of the differences and the multiplicity of voices present, emphasizing the importance of confabulations as instruments of resistance and construction of new understandings about genders and sexualities in the school context. We conclude that subversion from the school is necessary, and resisting the neoconservative wave is essential to build a school that teaches, inspires and liberates, as a space for social transformation, where every voice is heard, and every difference is respected.

Keywords: sexualities; confabulations; youths.

* Doutor em Ensino de Ciências e Matemática (UFRN). Professor do Departamento de Química da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Orienta no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPB) e no PROFQUI/UFPB. Líder do coletivo de pesquisa “COM-FABULAÇÕES: ateliê de pesquisas inventivas em Educação”. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4486-6124. Lattes: http://lattes.cnpq.br/0234305843667539. E-mail: franklin.kaic@academico.ufpb.br.

** Doutor em Educação Especial (UFSCar). Professor da Universidade Federal da Paraíba. Orientador do Programa de Pós-Graduação em Educação (UFCG). Vice-líder do coletivo de pesquisa “COM-FABULAÇÕES: ateliê de pesquisas inventivas em Educação”. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4824-5421. Lattes: http://lattes.cnpq.br/7720030995982568. E-mail: saimonton.tinoco@academico.ufpb.br.

https://doi.org/10.18764/2358-4319v18e23892 ISSN 2358-4319

"Voy a hablar de que ganamos...": confabulando otros currículosvidas para LGBTTQIAPNb+ jóvenes nómadasdisidentes en génerosexualidades en la superficie de la piel

Resumen

¿Cómo impactamos y producimos vidas con prácticas pedagógico-curriculares que incorporen género-sexualidades en la formación de una escuela que se está implementando en el Nuevo Liceo con jóvenes nómadas disidentes? Inspirado en las Filosofías de la Diferencia, el objetivo de este texto es cuestionar las estructuras dominantes y proponer nuevas perspectivas en el entorno educativo, donde se celebra la diferencia y se valoran las voces marginadas. La investigación tiene como objetivo mostrar cómo la escuela puede ser un agente de transformación social, confabulando experiencias curriculares de las prácticas de pensamiento de los géneros de jóvenes nómadas disidentes en una escuela del interior de Paraíba. Las confabulaciones, creadas en forma escrita, retoman currículos que interconectan discusiones sobre género-sexualidades, explorándolas como espacios de resistencia y reconfiguración de normas. Los análisis menores consideraron la fluidez de las diferencias y la multiplicidad de voces presentes, enfatizando la importancia de las confabulaciones como instrumentos de resistencia y construcción de nuevas comprensiones sobre géneros y sexualidades en el contexto escolar. Concluimos que la subversión de la escuela es necesaria, y resistir a la ola neoconservadora es fundamental para construir una escuela que enseñe, inspire y libere, como un espacio de transformación social, donde se escuche cada voz y se respete cada diferencia.

Palabras clave: sexualidades; confabulaciones; jóvenes.

INTRODUÇÃO

"Eu vou falar de nós ganhando...", frase de Nêgo Bispo, encapsula um espírito de resistência e esperança coletiva, especialmente relevante no contexto das juventudes contemporâneas, da reforma do ensino médio e das dinâmicas escolares relacionadas aos *gênerosexualidades*[1]. No cenário atual, a Reforma do Ensino Médio no Brasil (2017) busca homogeneizar o pensamento e produzir pessoas neoliberais. Por isso, é crucial considerar como as experiências das juventudes são esquecidas e desrespeitadas, numa clara e objetiva tentativa de se pensar somente numa juventude *cishéteroformatada*.

As escolas, como microcosmos da sociedade, têm um papel fundamental na promoção de uma educação que reflita as complexidades e a riqueza das diversas experiências da vida. A fala de Nêgo Bispo, que compõe o título deste artigo, serve como um lembrete de nossa atuação de transformar os currículos nas escolas para melhor acolher e apoiar todes estudantes, independentemente das armadilhas pregadas pelo *neoconservadorismo* – que

[1] Inspirado em Pereira (2024, p. 34), as palavras gênero e sexualidade estão juntas e em itálico, por concordarmos que "*gênerosexualidades*, entendendo que quando olhamos para as construções que generificam os sujeitos *[sic]*, estamos preocupados também em como esses corpos são/estão sendo *gênerosexualizados* todo o tempo. Então, sempre que estiver lidando com as construções *generosexualidazas* dos corpos, utilizarei[mos] o termo *gênerosexualidades*.". Desse modo, a justaposição que resulta em gênerosexualidade é também uma desestabilização dicotômicas das normativas que historicamente foram tidas como esferas separadas. A justaposição abre espaço para *práticaspensantes* que celebram multiplicidades e desafiam o silenciamento imposto pelas normas hegemônicas (Ribeiro da Silva; Dutra-Pereira e Tinôco, 2023).

atrelados ao neoliberalismo produziram várias igrejas neopentecostais que querem controlar os corpos e os modos de viver e de se expressar e de estudar e de aprender e de ensinar e de... –, o *colonialismo* – que enclausura e obedece as práticas racistas, sexistas e de aniquilação da diferença –, e do *patriarcalismo* – que conduz e impõe uma *cisheterossexualidade* compulsória desde a primeira infância até a terceira idade, para todos os corpos.

Neste sentido, ou na tentativa de abrir outros possíveis para outros sentidos e outras produções de subjetividades, a discussão sobre *gênerosexualidade* emerge como um tema fundamental para promover ambientes escolares que valorizem a diferença, sobretudo para uma parcela da população, como a juventude, que está inserida num contexto de um Ensino Médio (Brasil, 2017b) catastrófico e cheio de críticas (Süssekind, 2019; Sena, Albino, Rodrigues, 2021; Dutra-Pereira; Tinôco, 2022; Silva, Dutra-Pereira, Tinôco, 2023).

Pensar as juventudes, enquanto conceito aberto e nômade[2] no sentido Deleuziano e Guattariniano (2011a; 2011b; 2018), e no desastroso cenário de produções formatadas de subjetividades, deixa um convite entreaberto: conversar complicadamente e apostar no currículo franco (Dutra-Pereira, 2023), ponderar e elencar as complexidades de uma fase da vida que está a todo vapor, sobretudo em seus *gênerosexualidades*. Afinal, são moléculas reagindo constantemente, entre amorosidades e rebeldias, com todas as sensações e sentimentos à flor da pele.

Por isso, como pode a juventude ser atacada por políticas que usurpam a essência da própria vida e aniquila seus *gênerosexualidades*? Que juventude está se formando quando direitos à escola, à cultura, ao esporte e ao lazer são cerceados nas políticas públicas brasileiras após o Golpe de 2016 que destitui a presidenta Dilma Rousseff? Quantos jovens ainda temos que perder, a exemplo do que acontece diariamente aqui na Paraíba[3,4], já que o novo ensino médio é um convite ao abandono? Como as juventudes podem viver, praticar e/ou sobreviver em seus territórios, quando seus corpos estão aliciados ao julgamento entre viver-morrer? Que juventude estamos ajudando a produzir em nossos contextos, em nossa sociedade, em nossas escolas que são pulverizadas no próprio Novo Ensino Médio?

[2] "O nômade, o espaço nômade, é localizado, não delimitado." (Deleuze, Guattari, 2012, p. 57). Juventudes nômades, entendemo-las como "O espaço liso [...] que se constitui como tal distribuição, aquele em que os seres se partilham sobre um espaço em vez de operar a partilha do espaço." (Teixeira, 2023, p. 576).

[3] https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2024/06/06/um-homem-e-tres-adolescentes-sao-mortos-em-cabedelo-pela-policia-militar-da-paraiba.ghtml

[4] https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2024/04/26/dois-jovens-sao-assassinados-a-tiros-em-joao-pessoa.ghtml

> Os jovens foram afetados por essas condições e instabilidades políticas, sociais e econômicas, pelas incertezas que erradicaram os direitos e conquistas sociais adquiridos e pela dissolução acelerada das políticas públicas voltadas para a juventude. Políticas afirmativas que fizeram parte da história entre 2003-2015, implementadas por governos que priorizaram a articulação entre políticas sociais e desenvolvimento econômico, e que se consolidaram por meio de ações inclusivas e intersetoriais, que visavam à integração e defesa dos direitos dos jovens (Alvorado et al, 2021, p. 9, **tradução nossa**).

Passamos a entender as juventudes enquanto corpos que repetem e produzem diferenças (Deleuze, 2018). Não são apenas receptáculos de normas predefinidas, mas agentes ativos na criação e reinvenção das diferenças. A escola, como um espaço de formação, deve não apenas reconhecer as individualidades/singularidades de cada estudante, mas também fomentar a multiplicidade, permitindo que explorem e experimentem formas outras de ser e se relacionar, sobretudo quando diz respeito ao corpo e ao *gênerosexualidade*.

Quando pensamos em *gênerosexualidade*, a multiplicidade se torna ainda mais crucial. *Gênerosexualidade* não é uma categoria fixa, mas uma performance contínua que pode variar e se transformar ao longo do tempo (Butler, 2020). Na escola nos/dos/com os currículos *praticadospensados*, é essencial promover um ambiente onde a multiplicidade de expressões de *gênerosexualidade* seja encorajada e respeitada. E isso implica ir além do reconhecimento da diferença, é explorar e potencializar um espaço na qual as juventudes possam experimentar e vivenciar seus *gênerosexualidades* de maneira fluida e sem restrições.

Assim, entramos nas possibilidades e potencialidade das dissidências[5] nas juventudes, que são aqueles que desafiam as normas e expectativas sociais estabelecidas, seja por questões de *gênerosexualidade*, potencialidades físicas ou aparência. Na escola, esses corpos muitas vezes enfrentam discriminação e marginalização. Reconhecer a multiplicidade significa valorizar esses corpos em sua diferença e potencial criativo, para experimentar suas multiplicidades, onde todas as formas de corporalidade sejam ressaltadas e onde as normas rígidas de como um corpo "deve ser” sejam constantemente questionadas e subvertidas.

[5] Pensar *gênerosexualidade* na juventude enquanto corpos dissidentes carrega um jogo semântico potente: ao invés de objetificar os corpos e a experiências das juventudes, dissidente denota um movimento ativo de subversão, uma fuga do centro, como uma linha de fuga que questiona os modos de viver à vida e os perigos da *cisheteronormatividade* compulsória. São corpos dissidentes porque confabulam, lutam, resistem e desterritorializam as diferenças. Reflete um compromisso ético com a valorização das multiplicidades. É uma posição epistemológica em busca de deslocar aquilo que está à margem. Recusamos na conformação de expectativas impostas, afirmando as juventudes como agentes de transformação que questionam as estruturas de poder e ampliam espaços para as pluralidades e as experiências em seus *gênerosexualidades*.

Neste caminho, Gilles Deleuze (2018), em sua obra “Repetição e Diferença”, propõe que a repetição não é a mera reprodução, mas sim um processo que pode gerar novidades e singularidades. Segundo Deleuze, "A repetição aparece, pois, como uma diferença, mas uma diferença absolutamente sem conceito [...]". E continua “Trata-se de saber por que a repetição não pode ser explicada pela forma de identidade no conceito ou na representação em que sentido ela exige um princípio ‘positivo’ superior” (Deleuze, 2018, p. 39). Essa perspectiva nos permite entender as juventudes como corpos que, ao repetirem atos performativos de *gênerosexualidade*, não apenas repetem normas, mas também as subvertem, produzem e performam novas formas de ser e existir.

A Reforma do Novo Ensino Médio (RNEM), tem como um de seus pilares a flexibilização curricular e a oferta de itinerários formativos. Contudo, a forma como essa flexibilização é implementada não considera adequadamente as necessidades e experiências das juventudes dissidentes de *gênerosexualidades*. O fantasma de gênero[6] foi retirado das políticas curriculares pelos mandatários bolsonaristas e da bancada evangélica, no Congresso Nacional (Santos, Dutra-Pereira, Bortolai, 2022). Então, ao priorizar habilidades e competências específicas para o mercado de trabalho, a reforma relega a segundo plano, o silenciamento da discussões essenciais para a permanência na escola da juventude *nômadedissidente*.

Referimo-nos Juventudes *nômadesdissidentes* a grupos que, por escolha ou necessidade, desafiam e se distanciam das normas sociais, culturais e políticas predominantes heterocentrada, patriarcais e co(r)(l)onialistas. Juventudes que se movem constantemente, subvertem, transgridem, valorizam e ampliam à diferença e rejeitam ativamente as convenções estabelecidas, buscando formas alternativas de viver, expressar-se e se relacionar com o mundo ao seu redor, mesmo em tempos do *tsunami* neoconservador (Oliveira, Süssekind, 2019).

Estas juventudes *nômadesdissidentes* estão constantemente em busca de um sentido que não encontraram nas estruturas tradicionais, sobretudo quando alicerçadas em preconceitos. Pela necessidade de inventar outros modos de viver à vida, surge então, o desejo por explorar diversas culturas e ideias (Fontes, Dutra-Pereira, Bortolai, 2022), optando pela

[6] Fantasma de gênero remete aos mecanismos discursivos que transformam *gênerosexualidade* em objetos de pânico moral em uma sociedade neoconservadora. Os fantasmas de gênero revela a presença de algo intangível, mas que exerce efeitos e desestabilizações. Os fantasmas expõem as fragilidades das normas sociais e desafia a reiteratividade. O fantasma atua como convite à desconstrução do medo e à celebração das multiplicidades, transformando-se em símbolo de resistência e possibilidades de transformação na Educação e na sociedade. Os fantasmas de gênero, operam, portanto, como disruptividade que, ao invés de ser apenas ausente, é presença que convoca a agenciar outros mecanismos políticos e culturais em contraposição ao medo como estratégia de controle sobre os corpos das juventudes *nômadesdissidentes*.

dissidência onde permite a criação de novas visões de mundo onde os valores são compartilhados a partir da inclusão, da equidade e da justiça. A capacidade de se mover e se adaptar rapidamente a novas circunstâncias e a vontade de desafiar estruturas opressivas, subvertendo-as, fazem desta juventude um grupo crucial para a inovação social e a resistência frente aos desafios globais, principalmente no enfrentamento nas inúmeras tentativas de homogeneização da subjetividade.

Para as Juventudes *nômadesdissidentes*, a subversão em todas as esferas sociais é essencial, e aqui inclui a escola no contexto de uma reforma “arrogante, indolente e malévola” (Süssekind, 2019, p. 92), pois suas experiências não se encaixam facilmente em categorias fixas. Elas estão em constante movimento, tanto fisicamente quanto na maneira como se expressam e se relacionam com o mundo. Na escola, isso se traduz na necessidade de criar movimentos que não apenas aceitem, mas promovam essa multiplicidade, na possibilidade de explorarem suas diferenças sem restrições. A multiplicidade, os currículos *praticadospensadospraticados*, como uma máquina de produzir diferenças, nos desafia a reimaginar e potencializar à Educação para a ampliação de vozes subalternizadas, sobretudo de juventudes *nômadesdissidentes*, especificamente a comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queers, Intersexos, Assexuais, Pansexuais, NãoBináries, mais (LGBTTQIAPNb+[7]).

Como impactamos e produzimos vidas com práticas pedagógicas-curriculares que incorporam os *gênerosexualidade* na formação de uma escola em fase de implementação no Novo Ensino Médio? Como as juventudes *nômadesdissidentes* desafiam as estruturas de poder e reafirmam os *gênerosexualidade* promovendo uma educação emancipatória? Como os desafios das juventudes *nômadesdissidentes* podem potencializar e integrar as urgências dos *gênerosexualidade* nas *políticaspráticas* cotidianas das/nas/com as escolas? Como as confabulações sobre *gênerosexualidade* podem ser vistas como um movimento coletivo de

[7] Mais do que uma sopa de letras que enclausura corpos. Desde o movimento e da revolução para a nossa sobrevivência na sociedade *cisheteropatriarcal*, cada letra reafirma corpos que existem. Existir em meio aos diferentes processos de aniquilação e até de tentativa de cura (notória cura gay que já dizimou alguns corpos) é mais que resistir. É se fazer existir, mesmo quando nos querem silenciar/aniquilar. É uma revolução que nos últimos tempos tenhamos um aumento de letras na sigla. São corpos em defesas de corpos, mesmo em nossas contradições, tradições e perspectivas. LGBTTQIAPNb+, sempre mais... muito mais... porque aqui existimos e sempre reivindicaremos o nosso direito à vida, à nossa existência, o nosso modo de fazer política, por mais tensões que existam.

enunciação, onde as vozes das juventudes *nômadesdissidentes* encontram espaço para expressão, valorização e ampliação, mesmo no contexto de RNEM?

Considerando a importância de uma Educação que reconheça e valorize as experiências das juventudes onde os *gênerosexualidades* desafiam as normas sociais e a heterossexualidade compulsória (Rich, 2010), ao longo deste artigo, nosso objetivo é questionar as estruturas dominantes, e propor novas perspectivas de atuação dentro do contexto educacional, onde a diferença é reconhecida, e as vozes marginalizadas são ouvidas, valorizadas e ampliadas. Esta pesquisa visa contribuir para um entendimento de como as escolas podem se tornar em agentes de transformação social, *praticandopensando* com as juventudes *nômadesdissidentes* e em formas de resistência e empoderamento dentro do contexto das confabulações escolares.

CONFABULANDO POSSÍVEIS DE METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa, inspirada pelas Filosofias da Diferença, operacionaliza com diferentes pessoas que *ensinampesquisampublicam* (Dutra-Pereira; Soares, 2024), para confabular com/nas dinâmicas dos gênerosexualidades das juventudes *nômadesdissidentes* numa Escola Cidadã Integral e/ou Técnica (ECI e/ou ECIT), da rede estadual no alto sertão da Paraíba, por meio da escrita e produção de confabulações de vivências curriculares das *práticaspensantes*.

O Instituto de Corresponsabilidade pela Educação (ICE), em 2017, impunha para todas as oito (8) ECI e ECIT, no Estado da Paraíba, a implementação da BNCC e a Reforma do Novo Ensino Médio, mesmo sem ter sido aprovada pelo CNE e homologada pelo presidente à época – Golpista Temer. O ICE baseava-se em um modelo de replicabilidade e comandava a rede estadual de ensino (Chagas *et al.,* 2024; Rodrigues, Chagas, Calabria, 2023). Mesmo com tamanha imposição, havia resistência de alguns docentes que ensinavam naquela escola – incluindo o autor deste texto.

Usávamos de outros armas (Deleuze, 2013). Afinal, era necessário, naquele momento, que nos uníssemos para “rachar as coisas, rachar as palavras” (Deleuze, 2013, p. 109), pois precisávamos confabular outros mundos, outros sentidos para escola. Era necessário apostar na confabulação escolar em sua potência produtora de subjetividade, para escrever as

vivências e as cenas curriculares das *práticaspensantes* que rodeavam seus *gênerosexualidades* das juventudes *nômadedissidentes*, pois necessitávamos

> [...] fazer um pensar mundano, com a Terra/terra, de pés no chão, entremeado com tudo que há, que acontece, que se movimenta, que fere, que sangra, que grita, e que também pode curar. [...] tecer linhas com o que vive [...] estar atento, cultivar modos de se relacionar. [...] percorrer e criar territórios juntos, coletivamente, promiscuamente, corajosamente, respeitosamente, de maneira engajada com os tantos outros seres. (Sales, 2023, p. 9).

Partindo disso, as confabulações foram criadas de modo escrito, para retomar as *práticaspensantes* que interconecta as discussões de *gênerosexualidades* das juventudes *nômadesdissidentes* durante a passagem deste autor-professor-pesquisador-confabulador na escola situada. Essa perspectiva foi utilizada para explorar *gênerosexualidades* como processos fluidos e não lineares, desafiando as estruturas fixas das juventudes na escola, utilizando-a como *lócus* desta pesquisa, que ansiava pela subversão e pela insurgência.

As confabulações diz respeito as cenas curriculares das *práticaspensantes* de docentes que atuam/vam no Ensino Médio em suas diferentes áreas de conhecimento. Além disso, a temos como espaços narrativos de resistência e subversão, incluindo aquelas relacionadas à *gênerosexualidade*. As confabulações em suas potências criativas e inventivas, e ficcionais e... e... e... possuem, portanto, um papel crucial na contestação e transformação das estruturas sociais opressivas.

Para compreender a profundidade e o impacto dessas confabulações, desses/as jovens *nômadesdissidentes* e que podiam exercer seus *gênerosexualidades* na escola, principalmente nas aulas daqueles/as jovens subversores/as, que compunham o quadro docente daquela escola, foi necessário explorar como elas funcionavam como resistência e subversão de diferenças estáticas impostas pelo heterossexualidade compulsória (Butler, 2020; Foucault, 2020; Rich, 2010) e também pelas igrejas neopentecostais que assombram, como uma espécie de proliferação, no sertão da Paraíba.

Primeiramente, foi essencial entender que as confabulações foram construções narrativas que ofereceram uma visão alternativa do mundo escolar mesmo em ruínas pelo RNEM, permitindo aos indivíduos reimaginar e rearticular suas experiências. Em uma sociedade onde normas rígidas frequentemente marginalizam as juventudes

nômadesdissidentes que não se conformam, as confabulações forneceram um espaço seguro e criativo para a expressão de *gênerosexualidade* e de seus corpos em nomadismo e dissidência.

Enquanto docentes daquela escola, nos preocupávamos com aqueles/as jovens, sobretudo com seus *gênerosexualidades* à flor da pele – diferentes estudantes vinham nos falar sobre suas orientações sexuais, os medos, os receios, mas também as maravilhas de encontrar profissionais que contrariavam estar ali somente para alimentar uma percepção de depósito de informações traduzidas de diferentes áreas de conhecimento. Por isso, as construções das confabulações não são ideias preestabelecidas nem verdades absolutas.

> Não existe verdades que não "falseie" ideias preestabelecidas. Dizer "a verdade é uma criação" implica que a produção da verdade passa por uma série de operações que consistem em trabalhar uma matéria, uma série de falsificações no sentido literal. (Deleuze; 2013, p. 161-162).

Neste sentido, a partir das potencialidades das confabulações, elas agem, então, enquanto espaço imaginativo-criativo-inventivo, que permitem que indivíduos experimentem e explorem diferentes aspectos de seus *gênerosexualidades* de maneiras que poderiam ser reprimidas no cotidiano. A resistência às normas sociais através das confabulações se manifesta na capacidade de criar narrativas que desafiam as concepções hegemônicas de *gênerosexualidade*.

As normas sociais tendem a categorizar e fixar vidas de maneira binária e imutável, reforçando estereótipos e perpetuando a exclusão de qualquer desvio dessas categorias. As confabulações, por outro lado, desconstroem essas categorias ao apresentar as diferenças. Essa desconstrução é essencial para questionar a legitimidade das imposições sociais e abrir outros espaços, de outros corpos, de outros *gênerosexualidade*, de outras dissidências.

Esse processo fortaleceu o senso de comunidade entre todo o corpo docente que ocupavam as suas diferentes áreas de conhecimento, uma vez que havia uma rede de profissionais entre as juventudes *nômadesdissidentes* que compartilhavam essas experiências em cada encontro da tutoria – as ECIs e ECIT na Paraíba tem uma política de tutoria entre docente-estudante e, frequentemente, surgiam as discussões sobre *gênerosexualidades*, violências sexuais, automutilação, depressão, ansiedade, entre outros relatos.

Portanto, algumas confabulações criadas, apresentaram jovens *nômadesdissidentes* e *queer*[8] em cenários curriculares que celebravam suas diferenças e que subverteram as expectativas tradicionais. Essas valorizações da diferença não apenas ofereceram visibilidade a grupos marginalizados, mas também influenciaram a percepção pública e promoveram a aceitação dos diferentes corpos da sociedade.

Entendemos com Pereira (2020, p. 25) que "Não é de hoje que os corpos precisam ser normalizados, disciplinados, separados, segregados e, assim, educados e docilizados para refletir os padrões de masculinidades e feminilidades construídos culturalmente”. Com isso, reafirmamos a necessidade de impulsionar a análise das confabulações como narrativas que desafiam e reconfiguram as normas, explorando novas possibilidades de outros possíveis para os corpos das juventudes *nômadesdissidentes* naquela escola. As confabulações foram entendidas como formas de narrativa que ampliam as vozes e experiências marginalizadas no contexto escolar, especialmente em relação às juventudes dissidentes.

Neste sentido, as confabulações foram analisadas de modo menor (Deleuze e Guattari, 2011b), buscando explorar as confabulações criadas como espaços de resistência e reconfiguração das normas de *gênerosexualidade* na escola. As análises menores foram conduzidas considerando a fluidez das diferenças e a multiplicidade de vozes presentes nas confabulações em suas complexidades no que diz respeitos aos *gênerosexualidades*. Portanto, a análise menor permite uma compreensão das experiências individuais de cada participante, destacando suas vozes, as práticas curriculares e perspectivas *dentrofora* do contexto escolar.

Conforme veremos a seguir, nas confabulações e nas discussões menores, ressaltamos a importância das confabulações como instrumentos de resistência e de construção de novos entendimentos sobre *gênerosexualidades* das juventudes *nômadesdissidentes* no contexto de uma escola no sertão paraibano – nitidamente um espaço em constante movimento, mas que infelizmente alguns preconceitos ainda reinam. Por isso a necessidade de subverter desde a escola.

[8] *Queer*, atualmente, é um termo abrangente utilizado para descrever *gênerosexualidades* que não se conformam às normas heteronormativas e *cisnormativas* tradicionais. Originalmente um termo pejorativo, "*queer*", foi reapropriado pela comunidade LGBTTQIAPNb+ como uma afirmação de orgulho e resistência. Hoje, engloba uma vasta gama de experiências, incluindo outras orientações e diferenças que desafiam as categorias convencionais de *gênerosexualidade* (Santos, Dutra-Pereira, Bortolai, 2022).

CONFABULANDO COM JUVENTUDE *NÔMADESDISSIDENTES* E SEUS *GÊNEROSEXUALIDADES*

As confabulações criadas neste estudo representam narrativas multifacetadas e dinâmicas, tecidas a partir das experiências vividas por estudantes e docentes na Escola Cidadã Integral no alto sertão da Paraíba. Essas confabulações não apenas capturam as vozes individuais, mas também exploram as complexidades das diferenças, as possibilidade das juventudes *nômadesdissidentes* no que diz respeito aos seus *gênerosexualidades* dentro do contexto educacional.

Como instrumentos de reflexão e resistência, as confabulações oferecem leituras outras sobre como as práticas pedagógicas podem ser reimaginadas e transformadas para promover um espaço escolar mais inclusivo e empoderado. Essas criações confabulativas das cenas curriculares, visam criar um ambiente educacional onde os *gênerosexualidades* é reconhecido, celebrado e integrado as experiências nos/dos/com os cotidianos.

***

Confabulação 1: A inventividade de outras regras

A escola se prepara para um evento: A mostra técnico-científica pensada com todo o corpo estudantil, o professor de Química e a professora de História. Este não é evento tradicional, mas uma celebração da diferença, por ser no mês de maio, que celebramos, no dia 17 o dia internacional contra a LGBTfobia. Em conjunto, decoramos o auditório com todas as cores, representando as multiplicidades dos/es gêneros/es e orientações sexuais. Durante a mostra, eles criavam em suas mais diferentes oportunidades linguagens artísticas, outras formas de pensar a história e a química. Com teatro, dança, pintura, música... a regra era inventar. E ali, surgiu, entre eles/as a discussão de *gênerosexualidade*, na peça, indagaram por que nas teorias atômicas não tinha nenhuma mulher e/ou outro corpo dissidente. Naquele espaço criaram arte colaborativa e compartilharam histórias de resistência e visibilidade de outros corpos. Foi um espaço onde cada jovem pode ser quem realmente é, sem medo de julgamento.

Confabulação 2: Histórias na Ponta dos Dedos

No canto da sala de aula, uma caixa de livros chama a atenção de cada estudante que estava presente! Não são livros comuns: são diários e memórias de jovens de diferentes *gênerosexualidades*. Cada estudante escolhe um livro e lê a história contida ali. Entre as páginas, encontram narrativas de dor e superação, mas também de alegria e amor. As histórias são discutidas em grupo, são incentivados a escrever suas próprias narrativas, construindo um currículo que valoriza a diferença das experiências humanas. Entre choros, emoções, insistiram num *currículovida*, onde corpos foram valorizados e escritos entre os dedos que as vezes queria tocar a alma, entre os braços que queriam acolher, mas somente podiam, naquele momento, fazer circular uma vida escrita e boa de se viver na diferença.

Confabulação 3: Arte e Resistência

Na aula de artes, o tema de uma sequência didática: "Corpos em Resistência". Logo ficamos interessados na temática e cheio de desafios, afinal, havia tido um episódio triste que o professor de química teve que intervir: um estudante hostilizado por ser acima do peso; uma estudante cadeirante esquecida no intervalo; uma estudante ao anunciar que era bissexual teve que ouvir os sorrisos bobos e sua vida invisibilizada. Eis que a Arte e a resistência foram nosso alicerce. Cada estudante pôde explorar como a

arte pode ser uma forma poderosa de expressar e lutar contra a opressão. Eles realizaram pesquisas sobre a vida e obras de artistas LGBTTQIAPNb+, sobre como os corpos com deficiência são excluídos e como a gordofobia afeta a autoestima das juventudes nômadesdissidentes. Com suas criatividades, a arte expressa a resistência, criaram suas próprias peças, utilizando técnicas diversas como pintura, escultura e performance. Cada obra, em alguns grupos criados de modo coletivo, foi uma afirmação da existência da diferença, uma declaração de resistência e um convite para a reflexão sobre a complexidade das vivências de *gênerosexualidade* em nossa escola.

Confabulação 4: Ciência e diferença

Numa aula de biologia, o currículo vai além da anatomia tradicional. Pode estudantes explorarem como a ciência pode ser inclusiva e respeitosa quando seus *gênerosexualidades* são valorizados, vistos e respeitados? Nesta provocação, foi possível estudar a biologia humana com uma perspectiva que inclui a interseccionalidade, discutindo temas como a variação natural dos corpos e a importância de uma medicina que acolha todas as diferenças. A aula se transforma num espaço de descoberta e aceitação, onde cada corpo é visto como válido e digno de respeito. Houve todos os tipos de corpos... cis, trans, com deficiência... homem com vagina, mulheres com pênis... o que importava era a vida que a biologia insiste querer tomá-la como única Ciência que estuda. Coitada! O fato é, ensinamos ciência para a vida, em todas as nossas aulas. A curiosidade aguçava, e as perguntas não faltaram. Faltaram-me respostas, e quero continuar perguntando e explorando os múltiplos corpos, principalmente os marginalizados. Apesar da onda conservadora, a biologia encontrou uma outra possibilidade para aqueles estudantes que estão em descobertas de seus *gênerosexualidades*.

Confabulação 5: A Química é bicha e também travesti

No alto sertão da Paraíba, a Escola Sertaneja da é um farol de esperança e inclusão. O professor de química, um homem gay orgulhoso de seu modo de aprontar a vida, inicia a aula com uma pergunta provocativa: "Como a química pode nos ensinar sobre a aceitação?". Cada estudante, de diferentes orientações sexuais e de gênero, participam ativamente. Eles aprendem sobre ligações químicas, comparando-as às conexões humanas. "Assim como elementos diferentes podem formar compostos estáveis, nossas diferenças nos tornam mais fortes juntos", explica o professor. A aula se torna uma metáfora para a aceitação e o amor em todas as suas formas. Aprender que a química é Queer também é necessário para a valorização de tantos corpos... saltos, piruetas, mudanças de cores, arco-íris, elétrons pulando, ondas, ressonâncias, trans-formações... é, a química é bicha e também travesti!

Confabulação 6: Reações Químicas e Amor Clandestino

A tarde no sertão é quente e o laboratório de química fervilha de curiosidade. Naquela tarde, estudantes realizavam experimentos sobre reações exotérmicas e endotérmicas. Borbulhas... termômetros... olhares... jalecos... aumento de temperatura... conversas bobas e gostosas. Enquanto observavam as mudanças de temperatura e energia, a discussão se desvia para as reações emocionais e sociais que ocorrem quando o amor é clandestino. Um aluno tímido pergunta sobre os desafios enfrentados por casais LGBTTQIAPNb+ no sertão, pois o professor de química explicitamente afirmava ser bicha, gordo e casado com outro homem. A Química ali valia mais além do que os cálculos ou de fórmulas. A Química do amor era o ponto triplo da reação. Estavam querendo saber da química do professor de química. Misturas heterogêneas, onde a ocitocina era o que importava. O professor, com olhos brilhando, compartilha sua própria história de amor e resistência, mostrando que, assim como na química, a energia do amor pode superar qualquer barreira, distâncias e até ruídos. O amor gay, também clandestino, vale à pena, principalmente quando a Química é ordem da reação romântica.

Confabulação 7: Descobertas no Sertão

A escola no alto sertão da Paraíba é um lugar de descobertas constantes. O professor de química, conhecido por sua paixão por ensinar e ser gay, leva todes estudantes para uma aula prática ao ar livre. Eles exploram a flora local, coletando "coisas que tenham químicas". Durante a atividade, ele encoraja cada estudante a refletir sobre suas próprias vidas e como essas descobertas pessoais são tão valiosas quanto qualquer descoberta científica. Cada estudante, incluindo aqueles de corpos dissidentes e diferentes orientações sexuais, sentiram-se valorizados e inspirados a explorar quem são. Diferentes relatos: "sou bissexual, sou pansexual, sou lésbica...". Naquela tarde a química despertou outros sentimentos: a da subversão, de uma geração que vem com muitas questões, muita reverberações e sem medo de ser quem são. Nós que lutamos por isso, fizemos um trabalho até razoável. Espero cenas das próximas reações... assim que a química opera.

Confabulação 8: A Revolução dos Corpos

Em uma aula, a escola celebra a Diversidade. O tema é "A Revolução dos Corpos". O professor de química, com seu estilo vibrante e acolhedor, convida cada estudante a criar um mural químico. Cada estudante pinta uma molécula que represente sua própria história de vida e os modos de vivê-la *nômadedissidente* – corpos gordos, *gênerosexualidades*, orientações sexuais variadas, diferenças. Cada um deveria discutir como a química dos corpos humanos é tão diversa e como cada molécula é essencial para o todo. Ao final, o mural é um exaltação vibrante de aceitação, amor e resistência, refletindo a verdadeira química da diferença. Onde as histórias de vidas de quem são e como são, traduziram-se em moléculas que muitas vezes não são conhecidas. Ali aproximar corpo, revolução e química tínhamos um bomba colorida: a diferença perpassa pela ousadia de existirmos, mesmo quando os silenciamentos operavam constantemente, numa gestão que de democrática não tinha nada. Ajudando-nos a semana da diversidade foi linda, colorida, imperiosa e acolhedora.

Confabulação 9: O Corpo Infame na Linha de Frente

Na Escola Cidadã Integral no sertão da Paraíba, a resistência começa com a aceitação. A professora de história, uma mulher cis, inicia a aula discutindo o conceito do "corpo infame", pois houve uma ocasião de um estudante chamar, pejorativamente, um aluno – assumidamente gay – de travesti. Ela explicou como certos corpos são historicamente marginalizados e estigmatizados. Naquelas turmas, cada aproximação com os corpos infames, e com a chegada do dia 17 de maio – dia internacional contra a LGBTTQIAPNb+fobia – a revolução de Stonewall não foi despercebida. Filmes, vídeos, trechos, textos, imagens, músicas... o espaço propício para subverter a exclusão e a invisibilidade do corpo trans/travesti. Cada estudante ouviu atentamente. Cada um/a pode compartilhar suas próprias experiências de preconceitos e exclusões, mas também foi levantado como ainda estigmatizamos as pessoas trans e travestis no alto sertão da Paraíba, principalmente com as risadas, os olhares, as brincadeiras de péssimo gosto, entre tantas práticas transfóbicas. Os corpos são livres! A professora, com voz firme e olhar compassivo, encorajou a verem esses corpos como símbolos de resistência e força. Cada história – ali representando-as/os em diferentes espaços, mesmo que em poucos, a exemplo da cultura, da música, da arte, da ciência, etc. – foi um passo na desterritorialização das normas opressoras, transformando a sala de aula em um espaço de empoderamento e subversão.

Confabulação 10: Subversão de Gênero e Preconceito

Na nossa escola, depois de muita luta, resistência, transgressão e conversas complicadas pudemos celebrar a diversidade de gênero. Com isso, puderam pensar, com a professora de inglês/espanhol, juntamente com o professor de Educação Física e professor de Arte, um projeto de teatro intitulado "Gêneros em Movimentos", inspirados nas discussões que ocorriam em outras aulas, como a de história e a de química. O diretor da peça de teatro, o professor de arte, incentivou cada estudante a explorar a desafiar os papéis de gênero tradicionais. A orientação era: subverter os gêneros, mas não podiam ter

gracinha ou qualquer imperativo cômico. Assim, dividiram-se em grupos e construíram diferentes peças teatrais, que foram apresentadas retratando histórias de preconceito e resistência, com os corpos dissidentes de pessoas da cidade que a escola está situada, assumindo o palco principal. Cada performance foi uma desterritorialização das normas impostas, mostrando a urgência de reconhecer e celebrar todas as diferenças, o respeito, a valorização e ampliação das vozes que são cotidianamente silenciadas. O teatro se tornou, naquele momento, um espaço seguro onde as juventudes *nômadesdissidentes* podem experimentar, questionar e afirmar suas diferenças. Tal ação resultou no desfile cívico de 07 de setembro. A gente incomoda!

Confabulação 11: Corpos e Territórios

Após uma grande chuva no sertão da paraíba, e por invasão de insetos na escola, surgiu a necessidade de dialogarmos sobre como a emergência climática redefine os territórios. Na Escola Cidadã Integral, o professor de geografia, conduziu uma aula sobre desterritorialização, êxodo, refugiados climáticos, bem como vulnerabilidade social que as pessoas menos favorecidas socialmente – mulheres, população preta, povos indígenas e os povos LGBTTQIAPNb+ – enfrentam com a emergência climática. Explica como as mudanças no clima estão forçando comunidades a se adaptarem, mudarem e até mesmo abandonarem seus territórios, carregados de histórias e de memórias construídas ao longo da vida. Paralelamente, ela reproduz uma fala sobre a desterritorialização dos corpos que são invisíveis nas políticas públicas e como a resistência é vital em ambos os contextos. Ali puderam discutir como suas próprias vidas são formas de resistência no sertão e como o impacto da emergência climática afeta os próprios territórios. Eles criaram mapas que refletiam não apenas a geografia física, mas também a geografia emocional e identitária de suas comunidades. A geografia dos sentimentos falava mais alto.

***

As confabulações apresentadas emergem de uma escola em que as juventudes *nômadesdissidentes* puderam expressar sobre seus desejos, anseios, quereres e até mesmo sobre seus *gênerosexualidades*. Cada confabulação é rica em pormenores, e em especificidades que nos deslocam para outros mundos pouco habitável: o das juventudes. É notório, que enfatizam e reforçam a necessidade de desterritorialização e construção de novas subjetividades.

As confabulações desafiam cada corpo envolvido com as juventudes *nômadesdissidentes* ao considerarmos a complexidade das experiências humanas, promovendo um ambiente educacional que valoriza a pluralidade e a desconstrução das normas tradicionais, sobretudo no que diz respeito aos *gênerosexualidade*. Na "inventividade de outras regras", a celebração da diferença da juventude *nômadedissidente*, seus *gênerosexualidades* em uma mostra escolar se torna um ato de resistência contra a homogeneização técnico-científica e cultural, ao possibilitar que cada corpo experimentasse e expressasse suas questões livremente, transformando o espaço escolar em um lugar de aceitação, interrogação, ampliação e celebração das diferenças. Tal prática é uma forma de

afirmar a subjetividade coletiva e criar uma comunidade de *praticantespensantes* mais inclusiva.

Já a confabulação "Histórias na Ponta dos Dedos", promove a troca de narrativas pessoais como um movimento de construção de conhecimento e empatia. Ao escrever, ler e compartilhar experiências diversas, cada corpo ali presente não apenas se educam sobre a realidade dos outros, mas também refletem sobre suas próprias diferenças. Essa prática facilita a construção de um *currículovida* para uma juventude *nômadedissidente* onde diferentes histórias e perspectivas coexistem e se valorizam mutuamente.

Em "Arte e Resistência" como meio de expressão e resistência, sublinha a importância de novas formas de subjetividade no Ensino Médio que está fracassando com nossa juventude, principalmente quando seus *gênerosexualidades* são silenciadas nos currículos. Ao criar obras que refletem suas experiências e diferenças, cada estudante encontra na arte um possível para contestar as normas sociais e expressar sua resistência à opressão. A arte aqui é vista como uma prática desterritorializadora, que permite a reconfiguração das diferenças e a promoção de novas formas de *serestar* neste mundo assustador, mas cheio de possibilidades (Deleuze, 2013).

A biologia ao incorporar a interseccionalidade e a diversidade de *gênerosexualidade* no currículo pode ser encontrada em “Ciências e Diferença”. Esta perspectiva didática-curricular-metodológica não apenas humaniza a ciência, mas também reconhece a multiplicidade dos corpos e a ampliação da diferença. A inclusão e o respeito às diferenças, na educação científica, promove a aceitação e o respeito, construindo um espaço onde os corpos são válidos, celebrados e valorizados.

Em "A Fórmula da Inclusão", o professor utiliza a química como uma metáfora para a aceitação e a coesão social. Ao comparar ligações químicas com conexões humanas, a aula demonstra que as diferenças podem criar composições mais fortes e estáveis. Esta analogia reflete a necessidade de uma visão inclusiva das relações humanas, onde a diversidade é vista como um fator de fortalecimento. Neste caminho, a confabulação "Reações Químicas e Amor Clandestino", aborda a complexidade das emoções e das relações sociais em um contexto em que o amor LGBTTQIAPNb+ é frequentemente clandestino. A comparação entre reações químicas e emocionais oferece uma metáfora para discutir a resistência e a superação das

barreiras sociais. A narrativa do professor sobre sua própria experiência pessoalmente ilustra a importância da aceitação e do amor em todas as suas formas.

Caminhando nas "Descobertas no Sertão", a confabulação liga a exploração científica às descobertas pessoais, promovendo uma visão integradora da Educação em Ciências. A prática de campo e a reflexão sobre as diferenças reforçam a importância de valorizar tanto o conhecimento científico quanto as experiências humanas, em suas multiplicidades e possibilidades de (des)territorialização, construindo subjetividades outras que reconhecem a interconexão entre a natureza, as diferenças, as dissidências, as juventudes, os corpos...

Por isso, em "A Revolução dos Corpos" utilizamos a criação de um mural químico como uma metáfora para a diversidade das diferenças humanas. Ao pintar moléculas que representam suas diferenças, cada estudante pode reafirmar a importância de cada individualidade no contexto coletivo. O mural final foi uma representação visual da aceitação e do respeito à diferença, promovendo outros modos de pensar com a química e viver outros modos de reagir aos preconceitos que, infelizmente persiste na sociedade.

Neste sentido, a educação não é apenas um processo de formação intelectual, mas um ato político e social de resistência. A escola torna-se um espaço de construção coletiva de conhecimento e de subjetividades, onde a diferença é tida como uma força vital. Ao incorporar a interseccionalidade e a diversidade no currículo, promovemos a aceitação e o respeito, construindo uma comunidade educacional em que todas as diferenças são respeitadas e exaltadas. Desta forma, a luta por uma educação para/com à diferença se torna uma extensão da luta por uma sociedade mais justa e equitativa, onde cada indivíduo tem a oportunidade de se expressar plenamente e contribuir para o bem comum, mesmo com a RNEM.

“O Corpo Infame na Linha de Frente" confabula a marginalização histórica de certos corpos e promove a reconceptualização destes como símbolos de luta, revolução e resistência. A aula incentiva a valorização das histórias pessoais e a desterritorialização das normas opressoras, transformando a sala de aula em um espaço de empoderamento e de valorização de vidas que foram e são afetadas pelos diversos segmentos da sociedade, dentre eles a exclusão, os preconceitos, o não acesso as políticas sociais, etc.

De modo mais teatral, a confabulação "Subversão de Gênero e Preconceito" utiliza a arte do Teatro para desafiar os papéis de gênero tradicionais, promovendo a desterritorialização das normas impostas pelo patriarcalismo e pela heterossexualidade compulsória. As performances teatrais permitiram que todes estudantes explorassem e afirmassem suas verdadeiras diferenças, criando um espaço seguro e inclusivo.

Em "Corpos e Territórios" abordamos a interseção entre as mudanças climáticas e a desterritorialização com seus *gênerosexualidades*, enfatizando a necessidade de pensar outros territórios que sejam ampliados outras produções de vidas para essa juventude *nômadedissidente*. A criação de mapas que refletem a geografia emocional e identitária das comunidades promoveu uma compreensão das interconexões entre o ambiente e as diferenças humanas.

As confabulações apresentadas refletem a importância de um ambiente educacional que permite a expressão plena das juventudes *nômadesdissidentes*, proporcionando um espaço onde desejos, anseios e gênerosexualidades podem ser vivenciados e valorizados. Deleuze e Guattari (2011a, 2011b, 2012), em suas obras, discutem a necessidade de desterritorialização e a criação de novas subjetividades, que se manifestam claramente nas confabulações descritas.

A escola – apesar de ter a implementação da RNEM compulsória, ainda em 2017, antes mesmo de ter sido homologada, neste contexto de valorização dos *gênerosexualidades* daquela juventude *nômadedissidente* –, não foi apenas um espaço de ensinar conhecimentos de diferentes áreas, mas sim, um campo de experimentação e resistência, onde se desconstruiu o normativo e abrimos espaço para a multiplicidades dos corpos dissidentes, desterritorializando o que é esperado pela compulsão da *cisheterossexualidade* das experiências humanas.

A desterritorialização, um conceito central em Deleuze e Guattari (2011a, 2011b, 2012), referimos ao deslocamento das diferenças e das práticas de seus contextos habituais, permitindo a criação de novas possibilidades de ser e estar no mundo. Este processo é evidente na forma como as confabulações promovem a desconstrução e o incentivo para questionar os padrões sociais e culturais estabelecidos. As juventudes *nômadesdissidentes* encontraram, na escola, um espaço de produção de subjetividade, onde suas experiências e perspectivas são reconhecidas como elementos fundamentais da formação educacional.

As *práticaspensantespraticadas* nos/dos/com os cotidianos escolares, narradas nas cenas curriculares por meio das confabulações, funcionaram e criaram redes de significados e relações que vão além das hierarquias tradicionais e das linhas de segmentação. Estas práticas desafiaram a lógica binária e linear do sistema educativo convencional, promovendo uma educação que valoriza a multiplicidade e a interconexão das diferenças. Assim, cada estudante é encorajado a desenvolver sua própria linha de fuga, encontrando novas formas de expressão e de resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos este artigo, sempre em suspensão, na defesa das confabulações enquanto modos outros de fazer pesquisa e reafirmamos o desejo pelas transformações no currículo escolar. É essencial reconhecer a importância de respeitar e integrar as experiências de *gênerosexualidades* das juventudes *nômadesdissidentes* apesar do Novo Ensino Médio. A criação das confabulações que retrata cenários curriculares que valorizem a diferença e a inclusão é fundamental para promover uma educação verdadeiramente emancipadora.

As confabulações demonstraram como a educação, e sobretudo a escola nos/dos/com os cotidianos, conforme Dutra-Pereira e Soares (2024), podem ser um espaço de resistência e reafirmação de corpos dissidentes, sobretudo das juventudes que lá estão, onde cada diferença é valorizada e cada história, celebrada. Como Nêgo Bispo sugere, a vitória está em reconhecer e honrar essas lutas cotidianas, transformando o ambiente escolar em um lugar de apoio e crescimento para todes.

As confabulações funcionaram como uma forma de agenciamentos coletivos de enunciação, considerando suas expressões e seus conteúdos (Deleuze; Guattari, 2011a), em que pessoas marginalizadas puderam articular suas próprias experiências e imaginações, criando narrativas que refletiam suas realidades e aspirações – afinal as confabulações foram criadas em espaços de subversão às imposições postas pelo RNEM e o IQE.

Contudo, essa luta pela inclusão enfrenta uma resistência feroz por parte de forças neoconservadoras, incluindo os bolsonaristas e a bancada evangélica – muito feroz após o Golpe de 2016 e a chegada ao poder de Jair Bolsonaro em 2019 –, que fomentam o retrocesso e atacam qualquer reforma progressista para a Educação neste país – contamos com mais de 400

deputados e deputadas que se alinham com a direita e a extrema direita. Esses grupos promovem uma visão retrógrada e excludente, buscando impor um currículo que marginaliza as experiências e aniquila vidas LGBTTQIAPNb+, e promovem a intolerância e a discriminação. A ascensão de políticas que tentam deslegitimar e suprimir as discussões sobre gênero e sexualidade nas escolas representa um grave retrocesso (Dutra-Pereira, 2024). A narrativa de "ideologia de gênero" disseminada por esses grupos serve para espalhar desinformação e medo, alimentando preconceitos e perpetuando a exclusão de jovens que já enfrentam inúmeras dificuldades.

É crucial reconhecer que a resistência a essa onda conservadora não é apenas uma questão de manter as reformas educacionais, mas de garantir a dignidade e o direito à vida, sobretudo da juventude *nômadedissidente* que é tão atacada pela RNEM, por isso o movimento desta pesquisa confabulativa se estabelece nas fissuras do *currículovida* – produzido cotidianamente.

Não podemos esquecer que o movimento bolsonarista e seus aliados na bancada evangélica trabalham para reverter avanços – conquistados com muita luta e sacrifício –, tentando impor uma visão monolítica e conservadora que nega a pluralidade das vivências humanas. Não obstante, são defensores de programas e políticas educacionais conservadoras, para além da RNEM, a exemplo da escola sem partido, homescholling e escolas cívico-militares (Dutra-Pereira, 2024). Isso contrasta com a visão de uma educação que celebra a diferença e a equidade.

Aqui, como Gilles Deleuze menciona sobre Foucault, “São impressões, talvez esteja totalmente equivocado” (Deleuze, 2013, p. 135), sugerindo a necessidade de uma postura crítica e reflexiva diante das nossas convicções. É nesse espírito que devemos *praticarpensarparticar currículosvidas* que sejam inclusivos e resistente às forças reacionárias. A luta por uma educação inclusiva e justa é contínua e requer a participação ativa de educadores, estudantes e toda a comunidade escolar, mesmo com a reforma do Novo Ensino Médio que impões uma única possibilidade de produção de subjetividade para as juventudes. Precisamos garantir que cada passo seja revisitado e reavaliado, assegurando que a inclusão e a justiça social sejam verdadeiramente alcançadas.

O caminho à frente é complexo, mas a luta contra a onda neoconservadora é fundamental para a construção de um sistema educacional que não apenas ensine, mas

também inspire e liberte. É necessário confabular e fomentar espaços educativos que valorizem a diferença, as experiências humanas e que ofereçam a estas juventudes *nômadesdissidentes*, a possibilidade de expressarem plenamente, principalmente no que diz respeito aos seus *gênerosexualidades*. Devemos continuar confabulando para que a educação seja um espaço de transformação social, onde cada voz é ouvida e cada diferença é respeitada. Assim, como Nêgo Bispo profetiza, podemos realmente falar de nós ganhando.

REFERÊNCIAS

ALVARADO, Sara Victoria; VOMMARO, Pablo; PATIÑO, Jhoana A.; BORELLI, Silvia H. S. Estudios de juventudes: una revisión de investigaciones en Argentina, Brasil y Colombia, 2011-2019. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud,** v. 19, n. 2, 2021.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: ensino médio. **Diário Oficial da União,** Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. **Diário Oficial da União,** Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017a.

BRASIL. Lei no. 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Dispõe sobre a reforma do ensino médio brasileiro. **Diário Oficial da União,** Brasília DF, 2017b.

BRASIL. Resolução CNE/CP no 2, de 20 de dezembro de 2019. Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). **Diário Oficial da União,** Brasília, Seção 1, p. 46-49, 15 abr. 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. 20. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

CHAGAS, Liliane Alves; RODRIGUES, Ana Claudia da Silva; BANDEIRA, André dos Santos; SILVA, André Vidal Valle Machado da. As dimensões contextuais da atuação da política de Educação Integral na Paraíba. **Jornal de Políticas Educacionais,** v. 18, 2024.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs***:* capitalismo e esquizofrenia. (vol. 2). 2. ed., Rio de Janeiro: Editora 34, 2011b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. (vol. 1). 2. ed., Rio de Janeiro: Editora 34, 2011a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia 2. (vol. 5). 2. ed., São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Conversações.** 3. ed., São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição.** Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic; SOARES, Andressa Geovana Sitônio Barbosa. Cartografia de corpos queer dissidentes que ensinampesquisampublicam nos ENEQ (2004-2023): um pouco de possível para não sufocar. In: XXII ENEQ - Encontro Nacional de Ensino de Química, 2024, Belém - Pará. **Anais [...].** Belém: Sociedade Brasileira de Ensino de Química, 2024. v. 1. p. 1-14.

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic; TINÔCO, Saimonton. #BNCC:: carta aberta sobre políticas educacionais e e-narrativas no Twitter. **Revista Espaço do Currículo,** v. 15, n. 2, p. 1–7, 2022.

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic. "Atenção, tudo é perigoso, tudo é divino, maravilhoso": Cartografia dos silêncios e das ausências no Ensino de Química no Brasil e os flertes com o neoconservadorismo. In: XXII ENEQ - Encontro Nacional de Ensino de Química, 2024, Belém - Pará. **Anais [...].** Belém: Sociedade Brasileira de Ensino de Química, 2024. v. 1. p. 1-14.

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic. Conversas complicadas no Ensino de Química: Manifesto por um Currículo [Marielle] "Franco". **Revista Interinstitucional Artes de Educar,** v. 9, n. 2, p. 221–241, 2023.

FONTES, Mônica Santana; DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic; BORTOLAI, Michele. "SATISFAÇÃO, NECESSIDADE E DESEJO": conversas com corpos desejantes sobre sexualidade na educação em ciências. **Revista Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências,** v. 17, n. 31, 2022.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1:** a vontade de saber. 10. ed., Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2020.

LACERDA, Eliane Fernandes de; OLIVERIA, Inês Barbosa de. Os currículos *praticadospensados* de uma escola da rede pública municipal de Angra dos Reis/RJ: em busca da justiça cognitiva e da tessitura da emancipação social. **Revista e-Curriculum,** v. 14, n. 4, 2016.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SÜSSEKIND, Maria Luiza. Tsunami Conservador e Resistência: a CONAPE em defesa da educação pública. **Educação & Realidade,** v. 44, n. 3, p. e84868, 2019.

PEREIRA, José Rodolfo do Nascimento. **DEDO NO C*RRÍCULO E GRITARIAS COTIDIANAS:** assombrações monstruosas e clandestinas nos/dos/com gênerosexualidade desviantes no curso de pedagogia da UFPB. 156f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação, João Pessoa – PB, 2024.

PEREIRA, José Rodolfo do Nascimento. **Escola do corpo: currículo e implicações de gênero e sexualidades na educação de corpos de bailarinos(as)**. 142f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação, João Pessoa – PB, 2020.

RIBEIRO DA SILVA, Quézia Raquel; TINÔCO, Saimonton; DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic. Faces do silenciamento, do patriarcalismo nas histórias de Lise Meitner e Marie Curie: vidas a serem (re)contadas. **Revista Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências,** v. 21, n. 35, 2023.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas,** n. 5, 2010.

RODRIGUES, Ana Claudia da Silva; CHAGAS, , Liliane Alves; CALABRIA, Thiago Luis Cavalcanti. Formar que cidadão? Concepções presentes na proposta curricular das escolas em tempo integral da Paraíba. **Revista Brasileira de Educação,** v. 28, 2023.

SALES, Tiago Amaral. A escrita como modo de vida: potências contemporâneas para a (pesquisa em) educação. **Revista Espaço do Currículo,** v. 16, n. 3, p. 1-11, set./dez. 2023.

SANTOS, Thiago Barbosa dos; DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic; BORTOLAI, Michele. “É preciso estarmos atentos e fortes”: conhecendo gênero e performatizando sexualidade nos estudos dos encontros nacionais no ensino de química. **Revista Interdisciplinar em Ensino de Ciências e Matemática,** [s. l.], v. 2, n. 2, p. 147–168, 2022.

SILVA, Diego; DUTRA-PEREIRA, Franklin; TINÔCO, Saimonton. Epístola sobre liberdade em tempos de BNCC e Reforma do Ensino Médio. **ClimaCom – Ciência. Vida. Educação.**[online], Campinas, ano 10, n. 24., maio. 2023.

SÜSSEKIND, Maria Luiza. A BNCC e o “novo” Ensino Médio: reformas arrogantes, indolentes e malévolas. **Retratos da Escola,** *[S. l.]*, v. 13, n. 25, p. 91–107, 2019.

TEIXEIRA, Yasmin de Oliveira Alves. DIFERENÇA E DISTRIBUIÇÃO NÔMADE NA FILOSOFIA POLÍTICA DE DELEUZE E GUATTARI. **Kriterion:** Revista de Filosofia, v. 64, n. 155, p. 567–588, ago. 2023.

Recebido em: *Junho/2024*.
Aprovado em: *Agosto/2024*.